

Para quando a eleição dos bispos?

Frei Bento Domingues O.P. - Público – 15.06.2025

Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) desenhou o que deve ser o perfil do bispo que, ainda hoje, nos questiona pela sua actualidade

1. Em Portugal, várias dioceses estiveram muito tempo sem bispo, à espera da decisão do Vaticano. Na Suíça, as estruturas locais da diocese Saint Gall elegeram o novo bispo que Leão XIV confirmou a 22 de Maio. Recolhi esta notícia no *7Margens* de 23/5/2025.

A 20 de Agosto de 2024, o capítulo da catedral, constituído por 13 membros do clero, abriu nas comunidades diocesanas uma ampla consulta, inspirada no processo sinodal, essencialmente *online*, envolvendo 173 grupos e 1305 pessoas, para reflectir sobre o perfil que deveria ter o bispo a eleger, face aos desafios da diocese no presente e no futuro. A partir de 9 de setembro do mesmo ano, com base nas conclusões da consulta, liderada pelo Instituto Suíço de Sociologia Pastoral, sediado em Saint Gall, o capítulo da catedral chegou a uma lista de seis candidatos cujas trajetórias foram investigadas pela Nunciatura e pelo Dicastério para os Bispos, lista devolvida à diocese, sem objecções, em Abril de 2025.

A diocese de Saint Gall, criada no século XIX, conserva esse privilégio de eleger o seu bispo. Este acontecimento levanta a seguinte problemática: o que antes era um privilégio veio a encontrar-se, em 2021, com o que tem sido trabalhado em toda a Igreja para que esta se torne uma *Igreja sinodal* — caminhar juntos. Isto exige a participação em todas as instâncias da diocese, a começar pelo seu bispo.

Nos primórdios do cristianismo, havia vários modelos de evangelização, para que, a partir de Jesus Cristo, se reconhecesse que a Igreja é uma união na diversidade. O que dizia respeito a todos devia ser tratado por todos. O Espírito da Igreja vem de Deus para transformar as relações humanas, para criar um mundo fraterno, como dizia o Papa Francisco, *Fratelli Tutti*.

A Carta aos Efésios diz que Cristo é a nossa paz, Ele que, dos dois povos — judeus e gentios —, fez um só povo, destruindo o muro de separação, a inimizade [1]. A vocação dos baptizados é a de acabar com todos os muros. Infelizmente, muitas vezes, participam na sua construção. O Concílio de Florença, em 1442, excluiu da salvação todos aqueles que não professaram a fé católica. A intransigência deste axioma facilitava o trabalho dos teólogos, definia as fronteiras. Este parecer, tão duro e absurdo, terminou por ser questionado, já que o testemunho da Escritura sobre a bondade de Deus é eloquente: *quer que todos os seres humanos se salvem* [2].

A história da Igreja já tem mais de dois mil anos e, nesta história, encontramos debilidades e traições a Jesus Cristo. É também a história de *verdadeiras e falsas reformas*, como escreveu o dominicano Yves Congar [3].

2. O que é um bispo? É um líder religioso com responsabilidades eclesiais em diversas tradições cristãs, especialmente na Igreja Católica, ortodoxa e algumas anglicanas e luteranas. De forma geral, são responsáveis pela governança e administração de uma diocese, ensinando, doutrinando, santificando e representando a Igreja.

Na 1.^a Carta a Timóteo, temos uma descrição básica do que ele pensava acerca do bispo: “É digna de fé esta palavra: se alguém aspira ao episcopado, deseja um excelente ofício. Mas é necessário que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, ponderado, de bons costumes, hospitaleiro, capaz de ensinar; que não seja dado ao vinho, nem violento, mas condescendente, pacífico, desinteressado; que governe bem a própria casa, mantendo os seus submissos, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará ele da igreja de Deus? Que não seja neófito, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação do diabo. Mas é necessário também que ele goze de boa reputação entre os de fora, para não cair no descrédito e nas ciladas do diabo.” [4].

3. O dominicano português Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), uma das figuras mais relevantes do Concílio de Trento (1545-1563), desenhou o que deve ser o perfil do bispo que, ainda hoje, nos questiona pela

sua actualidade, *Estímulo de Pastores* [5]. Ficou conhecido como o *bracarense* por causa do permanente desassossego reformador que introduziu na última fase do Concílio de Trento e mais *bracarense* se tornou, na enorme resistência à guerrilha que o poderoso Cabido da Arquidiocese desencadeou contra a efectivação do programa das reformas conciliares, pelas quais sempre lutou e das quais nunca desistiu.

O território da diocese de Braga era, na altura, o que está agora repartido por quatro dioceses: Viana, Braga, Vila Real e Bragança. É normal que todas se sintam herdeiras dos longos e pedregosos caminhos que Frei Bartolomeu percorreu, a pé ou na sua mula, por fidelidade ao lema episcopal que adoptara: *arder e iluminar* sem nunca se acomodar à desfiguração do mundo e da Igreja do seu tempo [6].

Frei Luís de Sousa (1555-1632) foi o seu exímio biógrafo [7] e Frei Raúl de Almeida Rolo (1922-2004) publicou as suas obras completas com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Como disse D. Jorge Ortiga, o Papa Paulo VI ofereceu, no final do Concílio Vaticano II, um exemplar a cada um dos bispos que participaram no Concílio. A oferta foi o reconhecimento da sua actualidade para a renovação da Igreja em todas as coordenadas geográficas. Foi ainda um apelo a todos os bispos para que definissem as prioridades da vida pessoal e, posteriormente, concretizassem o *aggiornamento* que o Espírito Santo sugeria e continuava a interpelar [8].

Para Frei Bartolomeu dos Mártires, era toda a Igreja que precisava de mudar, do topo até à base, a começar pelos *eminentísimos cardiais que precisavam de uma eminentíssima reforma*.

Os bispos não podiam, como se tornara habitual, viver regaladamente dos bens das dioceses, longe dos diocesanos e os párocos longe das suas paróquias. Tudo, na Igreja, tinha de estar ao serviço das populações, sobretudo dos mais pobres, que devem ser os preferidos da acção das dioceses, das paróquias e das ordens religiosas, varrendo todas as benesses, nepotismos e privilégios por mais antigos que se apresentassem.

Foi o Papa Francisco que autorizou a canonização de Frei Bartolomeu dos Mártires (2019). Tinha descoberto que este bispo português, do século XVI, tinha vivido, na sua pessoa e na sua acção, o projecto da reforma da Cúria, do conjunto da Igreja e o tinha precedido no combate ao vírus do carreirismo eclesiástico. A sua vida foi um milagre. Não era preciso esperar outro para o canonizar.

[1] Ef 2, 14

[2] Christian Duquoc, OP, *El destierro de la Teología*, Edições Mensajero, 2006, p. 27

[3] Y.M.-J. Congar, *Vraie et fausse réforme dans l'Église*, Cerf 1950

[4] 1 Tm 3, 1-7

[5] Traduzido em português e publicado em 2017, *Stimulus Pastorum*, 1565

[6] Romanos, 12, 2.

[7] Frei Luís de Sousa, *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Imprensa Nacional, 1984, 76-77.

[8] *Estímulo de Pastores* (*Stimulus Pastorum*, 1565), Prefácio, 2017, p. 5